

## CLOSE ENCOUNTERS OF THE THIRD KIND / 1977 (*Encontros Imediatos do Terceiro Grau*)

um filme de Steven Spielberg

**Realização, Argumento e Conceito dos Efeitos Especiais:** Steven Spielberg / **Fotografia:** Vilmos Zsigmond / **Fotografia de Efeitos Especiais:** Richard Yuricich / **Supervisão dos Efeitos Especiais:** Douglas Trumbull / **Cenários:** Phil Abramson / **Montagem:** Michael Kahn / **Som:** Buzz Knudson / **Production Designer:** Joe Alves / **Extra-Terrestres fabricados por:** Carlo Rambaldi / **Intérpretes:** Richard Dreyfuss (Roy Neary), Melinda Dillon (Jilian), François Truffaut (Lacombe), Cary Guffey (Barry), Teri Garr (Ronnie), Bob Balaban (David).

**Produção:** Steven Spielberg Films Productions para a Columbia / **Produtores:** Julia Phillips e Michael Phillips / **Cópia:** DCP, cor, com legendagem eletrónica em português, 137 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 2 de Novembro de 1977 / **Estreia em Portugal:** Cinema Império, a 17 de Março de 1978.

*A sessão de dia 8 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos*

---

Quando **Close Encounters** se estreou, em 1977, o estatuto de Spielberg ainda não era o que é hoje. Campeão de bilheteira consagrado pelo sucesso de **Jaws**, apesar disso ou por causa disso era-lhe ainda negada, por boa parte da crítica, a “seriedade” autoral com que outros cineastas são, ou foram, recebidos. Houve um momento, nos anos 80 (provavelmente a década em que Spielberg mais batalhou por esse tipo de reconhecimento), em que o seu nome quase garantiu a unanimidade. Depois, a partir dos anos 90, ter-se-á registado um paradoxal movimento inverso, à medida em que o nome “Spielberg” começou a ser confundido com a estratégia de produção demolidora e “globalizante” da indústria de cinema americana – como acontecia, por exemplo, no discurso de Godard, que quando pronuncia o nome “Spielberg” (e disse-o muitas vezes) está a referir-se menos a uma pessoa do que a uma entidade mais ou menos difusa. De algum modo, esse movimento acabou por transportar Spielberg para um ponto próximo daquele em que estava no final dos anos 70: um campeão de bilheteira, seguramente, um cineasta talentoso, sem dúvida. Mais do que isso? Refresquemos a memória com **Close Encounters of the Third Kind**.

\* \* \* \*

Spielberg faz parte da “school generation” triunfante no cinema de Hollywood nos anos 70, sendo sobejamente conhecida a sua ligação com Coppola, Lucas, Kasdan e Harrison Ford. Não tendo conseguido a admissão na Universidade onde Lucas se formaria, Spielberg conseguiu arranjar trabalho na televisão, assim iniciando uma carreira de realizador que

contempla uma vasta gama de géneros: o horror em **Jaws**, a comédia em **1941**, a "fc" em **Close Encounters** e **E. T.**, os "serials" de aventuras na saga de **Indiana Jones**, o melodrama em **The Color Purple** e **Always**, o imaginário fabuloso em **Hook**, a reconstituição histórica em **Schindler's List** e **Amistad**, a série B de "monstros" na saga de **Jurassic Park**, o filme de guerra em **Saving Private Ryan**, de novo a "fc" em **A.I.**, **Minority Report**.

À variedade de géneros sobrepõe-se, no entanto, uma estrutura muitas vezes repetida, plenamente comprovativa da definida orientação e meta de Spielberg. Notar-se-á que muitos dos seus filmes apresentam como fulcro ficcional uma personagem comum, um americano da classe média, cuja visão da realidade sofre, de repente, um brusco sobressalto, originado por uma "aparição" – muitas vezes sobre-humana – que o mundo à sua volta não é capaz de perceber e cuja completa definição Spielberg reserva para o final do filme. Os **Encontros** provam, ponto por ponto, o que fica dito. Richard Dreyfuss é um homem comum, habitando com a família um bairro suburbano. O trauma surge com a visão dos OVNI's e o consequente sentimento de ansiedade provocado pela mensagem (tema das cinco notas musicais mais a configuração da montanha) indecifrável. O filme mostra a posterior desarticulação do universo familiar e o progressivo isolamento do protagonista, numa linha contínua de "suspense" cuja motivação, sublinhe-se, não é o medo, nem o horror. Nesse aspecto afigura-se pertinente compará-lo com **2001**: enquanto este, prosseguindo naturalmente uma das facetas convencionais da ficção científica, é uma linha recta para o apocalipse; **Close Encounters**, como já disse atrás, é uma marcha para a epifania. Nesse sentido, são legítimas as dúvidas sobre a sua inclusão no género.

Além da estrutura narrativa descrita, só por manifesta negligência se deixará de notar que **Close Encounters**, **E. T.** e **Poltergeist** (realizado por Tobe Hooper, mas inegavelmente de Spielberg, como **Jedi** e **Empire** são de Lucas), constituem uma trilogia com idêntica e rigorosa construção formal. Nestes, ainda mais do que noutros filmes seus já citados, Spielberg leva ao paroxismo a obsessão pela luz, matéria nobre de todo o cinema, dir-se-á, mas que na sua obra ganha uma dimensão religiosa e redentora.

**Close Encounters**, saído no ano de **Star Wars**, não tinha as batalhas espaciais deste e, se houvesse que defini-lo numa frase, dever-se-ia dizer que se tratava de um filme sobre uma encandeante luz branca. Frederick Pohl, no seu "Science Fiction: Studies on Film", chega a dizer que, em determinada altura da rodagem, Spielberg usou quase todas as lâmpadas de arco Titan de Hollywood para obter o efeito das luzes dos OVNI's sobre a paisagem terrestre.

Os efeitos especiais de **Close Encounters** resultam da estreita colaboração entre Spielberg e Douglas Trumbull, responsável, se bem se lembram, dos de **2001** e dominando agora a mesma tecnologia que permitira a outro especialista, John Dykstra obter os efeitos especiais em movimento de **Star Wars**. Sendo, deste ponto de vista, um filme altamente sofisticado, é justo assinalar que **Close Encounters** nunca se deixe envolver pelo fetichismo da sua própria tecnologia. As impressões do espectador, a esse propósito, são determinadas pelo conceito global do filme e não por efeitos isolados. O que é admirável e mesmo genial é a mestria da combinação dos efeitos mecânicos, sonoros e ópticos, cujo resultado mais espectacular coincide, de resto, com o clímax do filme, na sequência da aterragem da nave-mãe. Essa sequência constitui uma das mais comoventes e inteligentes celebrações do próprio cinema, podendo a outro nível ser encarada como mais uma alusão crística da obra de Spielberg.

A existência de vários níveis de leitura é uma constante em **Close Encounters**, a começar pelo facto de Spielberg, mago de um cinema que abriu, nos anos 70 e 80, novos espaços de potencialidades incalculáveis, nunca deixar de vincar a sua relação estreita com a herança "clássica". Nesse sentido, julgo, se devem ler as inúmeras citações cinéfilas do filme, desde o

**North by Northwest** de Hitchcock até ao **Bambi** de Walt Disney.

Outra homenagem é a chamada de Truffaut para o papel do "cientista bom", papel que o autor de **Jules e Jim** desempenha com limpidez e sinceridade. Houve quem visse no problema da comunicação do **Menino Selvagem** na razão da escolha. Mas li já, nos "Cahiers", tese bem mais crítica. Spielberg tê-lo-ia escolhido por causa da chave que o seu nome continha: Truffaut, ou seja, aquele que busca a verdade ("true") dos OVNI's ("UFO" em inglês). Diria aos "Cahiers" que a hipótese de Spielberg admirar Truffaut talvez não seja de descartar.

**Close Encounters** é um filme de celestiais harmonias e de terrestres desordens. Uma e outras ligam-se por meio de três emblemas típicos de Steven Spielberg: a luz, a nuvem e a casa. Sequência paradigmática é a do rapto do pequeno Barry pelos ovnis. A nave, que nunca chega a definir-se completamente, surge protegida pela nuvem ameaçadora e veloz. A arte de Spielberg faz do plano em que ela paira sobre a casa (e não se pode deixar de pensar em **The Birds** de Hitchcock) uma composição de ângulos e arestas muito marcados, a única ameaça real em todo o filme. Logo a seguir é o assalto à casa pela luz, com a incrível vitalização dos objectos, em particular os electrodomésticos. Pode falar-se de medo e pode falar-se de ironia. Pode pensar-se em Hitchcock ou no **Feiticeiro de Oz**. Não devemos afinal ser obcecados. Trata-se só de um "kid's movie".

Diz-se que Spielberg não tem para as palavras o jeito que tem para as imagens. Mas pergunto-me se, mesmo essa incapacidade, não se transforma num dom quando à falta de palavras uma multidão de indianos levanta os braços para o céu para assinalar a origem das cinco notas musicais que cantam em coro: não vêm do exterior, vêm de cima. Ou ainda, se não será um dom conceber o delirante diálogo de uma tuba e um oboé para o fecho de um "show" feito só de "light figures"!

Manuel S. Fonseca